

AS PRÁTICAS AGRÍCOLAS APINAJÉ: AGROECOLOGIA E TRADIÇÃO INDÍGENA

Teresa Alves Martins de Aquino¹, Ana Letícia Melo Pereira², Wildes Souza Andrade³

¹Estudante do Curso Técnico em Controle Ambiental ao Ensino Médio – IFTO, Campus Palmas. Bolsista do Programa Iniciação Científica. e-mail: <teresa.aquino@estudante.ifto.edu.br>

²Egressa do Ensino Médio Integrado ao curso de Informática para Internet – IFTO, Campus Palmas. Bolsista do Programa Iniciação Científica. e-mail: <analeticiamelo@gmail.com>

³Doutor em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) da Universidade de Brasília (UnB). Professor de Sociologia no IFTO, Campus Palmas. Coordenador do Projeto. e-mail: <wildes.andrade@ifto.edu.br>

Resumo: O objetivo deste trabalho é compreender a agricultura com base na noção de agroecologia entre o povo indígena Apinajé. Para isso, buscamos identificar bibliografia que retrata saberes, iniciativas, projetos e práticas agroecológicas envolvendo esse povo indígena. Um dos principais pilares da agroecologia é o conhecimento tradicional e empírico dos agricultores, dos povos indígenas, quilombolas e camponeses. Portanto, essa disciplina é uma das responsáveis em promover o diálogo entre esses atores sociais e o conhecimento científico nas universidades, centros de pesquisas e institutos de educação e tecnologia. Ao final, percebemos que, inspirados na noção de agroecologia, os Apinajé têm procurado uma revalorização da sua identidade e de sua cultura tradicional.

Palavras-chave: agroecologia, apinajé, povos tradicionais, práticas agrícolas

1 INTRODUÇÃO

Atualmente convivemos em um momento histórico em que a vida recebe outros significados. Através da crise humanitária e epidemiológica, causada em decorrência da pandemia de coronavírus, onde tivemos que permanecer em casa e redescobrir maneiras de coexistir em sociedade, aprendemos a olhar de outras formas para nós mesmos, para o outro e para a natureza que nos entorna. Dessa forma, esse trabalho busca mostrar outras maneiras de relacionar-se, como o povo indígena Apinajé, que vem se restabelecendo, desenvolvendo mudanças a partir das conexões tradicionais/ancestrais com o mundo e criando redes de aprendizado que deveriam ser utilizados por todos.

Diversas crises ambientais observadas no mundo contemporâneo são, em grande parte, advindas da produção agrícola capitalista, cujo objetivo é explorar ao máximo a terra. Nesse contexto, a agroecologia das populações tradicionais vem como uma forma de restabelecer o equilíbrio entre homem e natureza, por meio do manejo sustentável dos recursos naturais. (MARIANA e KARLA, 2018, p. 30).

Nesse aspecto, a implementação de um modelo produtivo que una os saberes tradicionais com a pesquisa científica, inovação e tecnologia agrega muito no sentido tecnológico, produtivo e socioambiental. Saberes estes que são intimamente ligados às populações indígenas. O plantio e cultivo de alimentos realizado pelos povos indígenas faz parte do modo de vida deles, ou seja, vão além de métodos e técnicas para se alimentar, caracterizam-se com práticas que abrangem a religiosidade e tradições. No ano de 2016, durante a segunda edição do Encontro Tocantinense de Agroecologia, lideranças indígenas e estudantes universitários debateram a importância das sementes crioulas (sem adicionais químicos, ou seja, sementes naturais) para a manutenção das

roças tradicionais. Essas sementes, além de serem de extrema importância para o plantio, também fazem parte de uma tradição passada de geração em geração, entretanto, vêm sendo cada vez mais difíceis de encontrar, como apontado pela Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxà, durante entrevista com Antonio Veríssimo, Líder da aldeia Cocalinho:

[...] o monopólio das grandes empresas que se apropriaram e passaram a dominar e controlar o mercado de sementes, nos obrigando a comprar sementes todos os anos, pois essas sementes adquiridas no mercado não servem pra plantar no ano seguinte. *“Tudo é pensado ‘pra’ escravizar os pequenos, e deixar nos cada vez mais dependentes do mercado de sementes transgênicas, dos adubos químicos e agrotóxicos”.* (UNIÃO DAS ALDEIAS APINAJÉ-PEMPXÀ, 2019).

Por meio dessa fala, nota-se a insatisfação dos indígenas ao terem que consumir alimentos transgênicos devido à falta de incentivo para a plantação tradicional. Por conseguinte, a fim de amenizar a situação, surgiu a “Casa de Sementes” dentro da aldeia Cocalinho, cujo objetivo é a conservação de sementes crioulas tradicionais. A questão das sementes crioulas é apenas um exemplo de como a agroecologia indígena é rica e está sendo prejudicada pelo modelo atual de produção.

Os povos indígenas têm muito a ensinar sobre sua agricultura conservacionista e tradicional, entretanto observa-se uma negação por parte do sistema em relação a isso, visto que ainda existe uma ideia preconceituosa de que comunidades tradicionais são atrasadas e a produção atual faz parte da evolução. Ao desprezar os saberes agroecológicos tradicionais, a produção agrícola contemporânea está fadada a continuar destruindo a natureza e prejudicando a saúde da população sem se importar com as consequências futuras.

2 METODOLOGIA

Optou-se por pesquisa bibliográfica, por meio de livros, artigos, sites e reportagens relativos à temática, a fim de conhecer sobre a Agroecologia, em especial a Agroecologia praticada pela comunidade indígena Apinajé, habitante na região do Bico do Papagaio, no estado do Tocantins.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apesar das mudanças que ocorreram no decorrer do tempo, as tradições consolidadas pelos povos indígenas ainda são muito presentes em suas culturas. A organização de saberes e a preservação da natureza são partes desses povos mesmo antes da chegada dos portugueses no Brasil e repercutem até os dias de hoje. Da mesma maneira, o plantio, o cultivo, a pesca, a caça e o artesanato são atividades muito frequentes nas comunidades do povo indígena Apinajé.

Os povos indígenas organizam seus saberes a partir da cosmologia ancestral que garante e sustenta a possibilidade de vida. A base primordial é a natureza/mundo. É a cosmologia que estabelece os princípios norteadores e os pressupostos básicos da organização social, política, econômica e religiosa [...]. A natureza, e não o homem é

a fonte de todo o conhecimento. Cabe ao homem desvendá-la, compreendê-la, aceitá-la e contemplá-la. O método preferencial das ciências indígenas é a visão da totalidade do mundo. O indivíduo deve buscar compreender e conhecer ao máximo o funcionamento da natureza, não para dominá-la e controlá-la, mas para seguir e respeitar sua lógica, seus limites e potencialidades em benefício de sua própria vida enquanto ser preferencial e privilegiado na criação. O saber é mais do que querer criar ou saber dizer, é saber fazer, baseado em conhecimentos acumulados no decorrer da vida (LUCIANO, 2006, p.171).

É inegável a importância dos ensinamentos indígenas para a Agroecologia. Todas as práticas dos grupos envolvem as suas espiritualidades ou religiosidades como partes diretas de seu modo de vida (NORDER, 2019).

A sustentabilidade ambiental que garante a sustentabilidade físico-cultural dos povos indígenas fundamenta-se na condição de conhecer e respeitar a natureza. Neste sentido, uma das preocupações do caçador, do pescador e do produtor indígena é a de como se comportam os espíritos da natureza, ou seja, como se comporta a “mãe da mata” a “mãe dos animais” quando a mata é destruída ou replantada. É do comportamento desses agentes que depende a sustentabilidade alimentar das pessoas. Isto permite configurar uma das características mais importantes da vida indígena, que é a visão integrada e holística das potencialidades e das necessidades materiais e espirituais dos indivíduos e das coletividades humanas em relação direta com os recursos naturais existentes (LUCIANO, 2006, p.190).

Além do exposto, a união e coexistência entre a natureza e as comunidades indígenas são vividas desde a infância, com a valorização dos aspectos ancestrais de sua cultura. Dessa maneira, o convívio entre os mais velhos e a natureza, faz que cresça mutuamente com o respeito, admiração e cuidado com a fauna e a flora.

Nossa criação foi assim, não tinha brinquedos. A mãe dava uma folha de embaúba e a gente brincava. Mãe colocava a gente sentada do lado dela e aprendendo as coisas com ela. Fomos desde cedo aprendendo as coisas com os mais velhos (HARY, 2017, s/p, apud SILVA, 2019, p.125).

Acrescenta-se que os saberes indígenas sobre as práticas de plantio e cultivo estão presente nas tradições dos povos muito antecedente a chegada dos portugueses, por isso tinham conhecimento sobre a terra, as plantas e os animais.

A relação dos indígenas com o meio ambiente, não em uma visão contemporânea romântica, mas de sobrevivência na mata, foi construída a partir de sistemas peculiares de identificação e emprego prático totalmente desconhecidos dos colonizadores europeus. Esses povos possibilitaram a identificação de espécies e gêneros vegetais, como também os vegetais que se adaptavam ao uso medicinal, bem como o reconhecimento do habitat e a época da colheita dessas plantas (LÉVI-STRAUSS, 1989 apud RIBEIRO, 2016, p. 13).

Assim, o contato entre os colonizadores e os indígenas incorporou diversamente na agricultura, alimentação e na criação de novos medicamentos feitos com base nas plantas medicinais usadas pelos povos. Os conhecimentos sobre a terra por essas comunidades são reconhecidos pelas “práticas de conservação da biodiversidade”, na busca, principalmente, da restauração de áreas devastadas sem qualquer acompanhamento técnico ou teórico (RIBEIRO, 2016, p.14-15). Segundo a

Associação União das Aldeias Apinajé-PEMPXÁ, 2018, todos os produtos plantados e colhidos são livres e independentes de agrotóxicos (apud SILVA, 2019, p.135).

Os Apinajé acreditam que as práticas e saberes tradicionais sobre a agricultura, somados a outros conhecimentos técnicos, se forem bem aplicados, poderão resultar em importantes avanços para nossa agricultura familiar, melhorando a qualidade, quantidade e a diversidade de produtos que podem ser cultivados sem agrotóxicos. Podemos também melhorar as formas de controle das pragas, ervas daninhas, prevenir e combater as doenças nas lavouras, sem poluir e contaminar o solo, as águas e os próprios alimentos que produzimos e consumimos. Temos a consciência que a produção de alimentos, seja em pequena ou grande quantidade, devem respeitar o meio ambiente e a população, preservando a saúde e a vida das pessoas. Além disso, é uma fonte de renda, pois revendemos em Tocantinópolis o excedente (PEMPXÁ, 2018, apud SILVA, 2019, p.305).

Os Apinajé revendem o milho, a mandioca, a abóbora, batata e arroz entre os produtos que cultivam. Possuem os mais diferentes tipos de sementes para sua agricultura, entre as principais estão: variedades de sementes de feijão, abóbora, quiabo, maxixe, melancia, milho, fava, arroz, gergelim, caju e muitas outras (DURANTE, 2019, *online*). Ademais, o povo Apinajé também utiliza da diversidade da flora em prol da sua alimentação. Por meio do bioma Cerrado, muitas espécies de plantas e frutos são parte do território e manuseio das comunidades indígenas.

As palmeiras em sua grande diversidade ocupam a área, marcam destaque numa visão panorâmica. As altivas e de copas exuberantes, buriti, buritirana, babaçu, patis, bacabas, inajá, macaúba, juçara, açai e as rasteiras piaçavas e tucum de miotas. O aproveitamento destas plantas é absoluto. Das construções das moradas à composição de pratos da culinária Apinaje. Além do vasto uso na elaboração das peças utilitárias ou enfeites ritualísticos (LIMA, 2018, p.45-46).

De acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), “O babaçu é uma espécie da biodiversidade que tem importância fundamental na manutenção do modo de vida e da cultura Apinayé”. Dessa forma, a fruta além de usada como alimento na extração da amêndoa e do gongo, é importante para as famosas corridas de toras e para a fabricação de tintas, como também na comercialização de produtos vendidos no mercado regional (POVO, 2015, *online*). Assim como o babaçu, a farinha da mandioca serve como produto de venda em algumas aldeias, como Palmeiras e Patizal, mas para sua maioria, seu emprego têm como objetivo principal a segurança alimentar dos membros da aldeia. Outro exemplo de produto importante para algumas comunidades como fonte de renda é o bacuri (CENTRO, 2006, p.37-38).

As plantas selvagens mais importantes para os Apinayé são as mesmas que para os Xerénte, portanto, em primeiro lugar, as três palmeiras: buriti, babaçu e bacába. Uma reminiscência dos tempos em que a coleta ainda constituía uma das ocupações mais importantes, especialmente das mulheres, é o costume ainda hoje generalizado entre os índios Apinayé (NIMUENDAJÚ, 1956, p. 74).

Os Apinajé são habilidosos como caçadores também, entretanto com o passar do tempo, além da razão da escassez de animais, as novas gerações não se envolvem com a prática como antigamente. “A caça vem sendo substituída pela criação de pequenos animais (porcos e galinhas)”, portanto, hoje

em dia as aldeias preconizam a carne provinda do gado (LADEIRA, 2020, *online*). Da mesma maneira em que são excelentes pescadores e agricultores, também são muito habilidosos na arte de tecer objetos.

O artesanato é uma das formas de empreendedorismo entre os indígenas, que não somente permite a inserção desses povos no mercado de trabalho, como também promove a preservação de uma cultura muito rica em termos de patrimônio nacional. [...] Os Apinajé, notadamente da aldeia São José confeccionam colares, pulseiras, brincos, e vendem aos não indígenas, seus artesanatos, o excedente da produção agrícola e frutas nativas, por exemplo, a amêndoa de Babaçu (SILVA, 2019, p.126).

Os artesanatos são tão importantes para a cultura indígena dos Apinajé que em 2012 foi realizado uma oficina na aldeia Patizal para proporcionar o compartilhamento de conhecimentos e saberes do povo, principalmente entre os mais velhos, sobre a arte. Os participantes gostaram da ideia e pediram a repetição do evento mais vezes, pelo menos uma vez ao ano.

Na confecção de artefatos, homens e mulheres compartilham, sobretudo, a fabricação de peças destinadas à venda na cidade (bolsas, colares, adornos para casas etc). Já com relação a artefatos de uso cotidiano ou ritual, os homens encarregam-se, por exemplo, de armas e alguns instrumentos musicais, como maracá e apito, feito com palha de buriti e as mulheres confeccionam produtos específicos como esteira e cestos de coleta de víveres da roça (ROCHA, 2001, p.56-57).

Como se percebe na citação anterior, as atividades realizadas nas aldeias Apinajé são divididas entre homens e mulheres. A caça é majoritariamente efetuada pelos homens, enquanto o plantio é feito por ambos. “Outra atividade masculina é a colheita de mel. Há vários exemplos na etnografia Jê sobre a ligação desse trabalho com a necessária demonstração de força e coragem masculina.” (ROCHA, 2001, p.57).

Segundo Cassiano Sotero Apinagé (2017), a natureza para os Apinajé representa uma mãe para todos. As plantas e os animais vão além de recursos para a alimentação ou sobrevivência e sim como um espaço para a produção de conhecimentos e aprendizagem.

A questão do uso do espaço e o tratamento com as plantas e animais também está focada na cultura Apinajé. Os filhotes de animais silvestres são tratados com carinho em casa são dotados como animais de estimação, bem como os Apinajé costumam criar os animais da floresta. O tratamento está mais ligado sob responsabilidade do tratamento maternal e assim tratando como fosse filho pela mãe de modo que quando o animal morre, a dona pode até chorar a perda da sua criação de animal seja da floresta (macaco, veado, papagaio, arara, caititu, cutia...) ou de casa (cachorro) especialmente as mulheres idosas que tem mais a relação de afinidades com os animais. Ocorre da mesma forma com as plantas da roça, as mulheres tratam suas plantas da roça como fossem seus filhos (APINAGÉ, 2017, p.62-63).

Entretanto, apesar da conectividade com o meio ambiente, as regiões nas quais vivem os povos indígenas têm sofrido com grandes empreendimentos nas últimas décadas, como a mineração, o agronegócio de grãos e o uso da madeira. Esse processo desenvolvimentista acarreta diversos dilemas para os povos, entre eles: a delimitação das suas terras em questão, a passagem de estradas estaduais e

federais, ferrovias, linhas de transmissão de energia, além das pressões quase cotidianas sobre suas riquezas naturais e os tantos desdobramentos socioeconômicos trazidos por esses empreendimentos, como a valorização das terras, migrações, urbanização, entre outros (CENTRO, 2006, p.9).

De acordo com José Galvão Pinto e Maria Elisa Garavello (2002), além dos estudos de Ubiratan Francisco de Oliveira (2020), o crescimento do agronegócio somado com o desenvolvimento tecnológico no mundo capitalista influenciam mudanças nas atividades agrícolas das comunidades. Adicionalmente, o aumento do desmatamento prejudica os povos e sua interação de dependência mútua com a natureza. Pois, as transformações do espaço ao redor dos Apinajé, em prol da agricultura de grande escala (soja), modificam sua vivência tanto quanto as consequências da poluição (da água, do solo, ou do ar) em decorrência da proximidade com povoados e indústrias.

Ademais, segundo Gersem dos Santos Luciano (2006, p. 170), “apesar da alta consciência indígena e das leis mais favoráveis à proteção dos conhecimentos tradicionais, muitos saberes estão desaparecendo diante da pressão da cultura dominante e da globalização”. Os povos indígenas marcam mais de 500 anos de desafios perante a sociedade nacional, “expressos em termos da luta pela terra, a intolerância, a luta pela sua integridade física, moral, intelectual, o respeito para com a sua singularidade, sua alteridade, o seu modo de vida autóctone”, simplesmente para que consigam sobreviver (OLIVEIRA, 2013, p.66).

A luta pela terra, por um espaço onde a sua cultura esteja salvaguardada e vivificada é uma das principais bandeiras do movimento indígena brasileiro hoje, em particular dos Apinayé, mesmo que estes já tenham a homologação de uma parte de seu território tradicional. Isso decorre, em grande parte, da forma ambígua pela qual o Estado Brasileiro tem se mostrado frente às questões indígenas, que se traduz como omissa e polarizada em prol de projetos desenvolvimentistas. Obviamente, se pode estender essa inferência para a época do colonialismo à medida que se pondera a história pós-descobrimento (Oliveira, 2013, p.70-71).

Assim sendo, paralelamente a interferência da sociedade não-indígena, os Apinajé “fortalecem a consciência quanto à importância da manutenção da sua etnicidade”. Esse povo, então, cresce ao correr do tempo em vista, principalmente, da memória de seus antepassados e pela incessante luta pela transformação do contexto atual, “de forma a garantir sua própria continuidade” (ROCHA, 2012, p.263). Tudo isso, profundamente ligado à natureza.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à cosmologia do povo, um novo universo se desmistifica e traz à órbita os saberes tradicionais em relação a tudo aquilo que os cercam. O manejo de recursos naturais compreende-se ao ato e na prática de interagir em completude ao meio ambiente, de forma que a maior parte da vida dos povos fora realizada em coexistência com a fauna e a flora. A historicidade também faz parte dessa importante passagem, pois por consequência da consciência do passado os conhecimentos sobre a

natureza e as plantas são ainda maiores e mais fortes, atravessando o tempo com essa relação de proximidade.

A sustentabilidade ambiental está na prática cultural ancestral e na condição de conhecer a natureza, respeitando-a. Nesse sentido, há a preocupação sobre os recursos e suas disponibilidades, pois se deve precaver para que se tenha a continuidade dos mesmos no futuro, tanto quanto o cuidado para que a mata não seja destruída. A agrobiodiversidade e as redes de carinho e aprendizado com os animais estão presentes no dia a dia dos povos. Além disso, a variedade de sementes faz parte da consciência da diversidade, por meio do manejo dos produtos presentes nas aldeias, como também durante a preparação dos alimentos, pois desde pequenos os indígenas estão conectados com as plantas e árvores de diferentes espécies.

A resistência indígena é uma luta que transcendeu os séculos, desde o início da colonização do Brasil. A sobrevivência dos povos ainda é conquistada a partir de muita disputa, pois a pressão externa está cada vez maior e mais violenta. Por essa razão, a intolerância e a luta pela terra têm trazido muitas mortes nos dias de hoje, ainda em 2021, há comunidades que pedem socorro em decorrência da interferência da sociedade não indígena.

5 AGRADECIMENTO

Registra-se aqui o agradecimento especial ao professor e coordenador do presente trabalho, Wildes Souza Andrade, pelo apoio e confiança na condução de toda a pesquisa. Além disso, agradeço também ao Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - pela concessão da bolsa de Iniciação Científica durante o período de desenvolvimento desse projeto.

REFERÊNCIAS

APINAGÉ, Cassiano Sotero. **Escola, meio ambiente e conhecimentos**: formas de ensinar e aprender na teoria e na prática entre os Apinajé. Dissertação. Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas. Palmas, TO, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/861>

BALDINI, Karla B.L., QUINTEIRO, Mariana M.C. **Agroecologia e as práticas tradicionais**: reconhecendo os saberes ancestrais. In: SANTOS, M.G., and QUINTERO, M., comps. Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2018, pp. 28-49. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/zfzg5/pdf/santos-9788575114858-04.pdf>

CENTRO de Trabalhos Indigenista. **Estudos de Complementação dos Impactos Socioambientais de UHE Estreito nas Terras Indígenas Kraolândia, Apinajé, Krikati e Governador**. Estudos Etno-Ecológicos, 2006, 282p. Disponível em: https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/sites/5/2018/06/Estudos_Estreito-0.pdf

DURANTE o II Encontro e Troca de Sementes lideranças Apinajé, debateram aspectos do passado, do presente e do futuro das sementes tradicionais para a produção orgânica e agroecológica. **Associação União das Aldeias Apinajé-PEMPXÀ**, online, 2019. Agroecologia. Disponível em: <http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com/2019/12/agroecologia.html>

LADEIRA, Maria Elisa; AZANHA, Gilberto. **Apinajé. Povos Indígenas no Brasil**, 14 dez. 2020. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apinaj%c3%a9#Nome>

LIMA, Vanusa da Silva. **Entre Palmeiras: produção e transmissão de conhecimentos entre as gerações Apinajé, Tocantins**. Dissertação. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34059>

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf

NIMUENDAJÚ, Curt. **Os Apinayé**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, tomo XII, Belém – Pará, 1956. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1956-apinaye/Nimuendaju_1956_Os_Apinaye.pdf

NORDER, Luiz Antonio. **Agroecologia em terras indígenas no Brasil: uma revisão bibliográfica**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v.13, n.2, p.291-329, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/88858>

OLIVEIRA, Ubiratan Francisco de. **Todos os caminhos nos levam aos “Mebengokre”**: o processo de ocupação da região do Bico do Papagaio – TO: do final do século XVIII até meados do século XX. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais, v.9, n.2, p.72-104 (2020) Número Especial – A fronteira brasileira no século XXI: configurações sócio-territoriais da Amazônia e do Cerrado.

PINTO, J. G; GARAVELLO, M. E. de P. E. **Transformação (agri)cultural ou etnosustentabilidade: retrato da aldeia Bororo**. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-PT&user=WA9mK0MAAAAJ&citation_for_view=WA9mK0MAAAAJ:u-x6o8ySG0sC

POVO Apinayé (TO) investe no coco babaçu para fomentar o etnodesenvolvimento. **Fundação Nacional do Índio**, 23 out. 2015. Comunicação. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/3488-povo-apinaye-to-investe-no-coco-babacu-para-fomentar-o-etnodesenvolvimento>

RIBEIRO, Perla Oliveira. **Plantas-filha e a beleza das roças: o lugar das plantas na cosmologia Apinajé**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente – Ciamb, UFT. Palmas-TO, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/318>

ROCHA, Raquel Pereira. **A questão de gênero na etnologia Jê: a partir de um estudo sobre os Apinajé**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2001, 128p. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279491>

ROCHA, Raquel Pereira. **O “Tempo do primeiro” e o “tempo de agora”. Transformações sociais e etnodesenvolvimento entre os Apinajé/TO**. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2012. Disponível: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281041>

SILVA, Marcos Pereira da; DE ALMEIDA, Severina Alves. **Empreendedorismo Indígena no Tocantins: Um Estudo com a Comunidade Apinajé da Aldeia São José**. Original Article. J Business



Techn. 2019; 120-137p. Disponível em:

<http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/416>